UM BRASIL

PB
PROBLEMAS BRASILEIROS

AS TRANSFORMAÇÕES DO BRASIL SOB OS OLHARES DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E JOSÉ GOLDEMBERG

Venda proibida

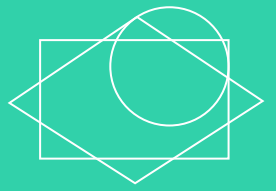
UM PAÍS AINDA EM CONSTRUÇÃO

MEDIADOR
RENATO GALENO

UM BRASIL reúne

JOSÉ GOLDEMBERG,
professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e presidente do Conselho de Sustentabilidade da Fecomercio-SP.

E **FERNANDO HENRIQUE CARDOSO**,
sociólogo e ex-presidente da República.



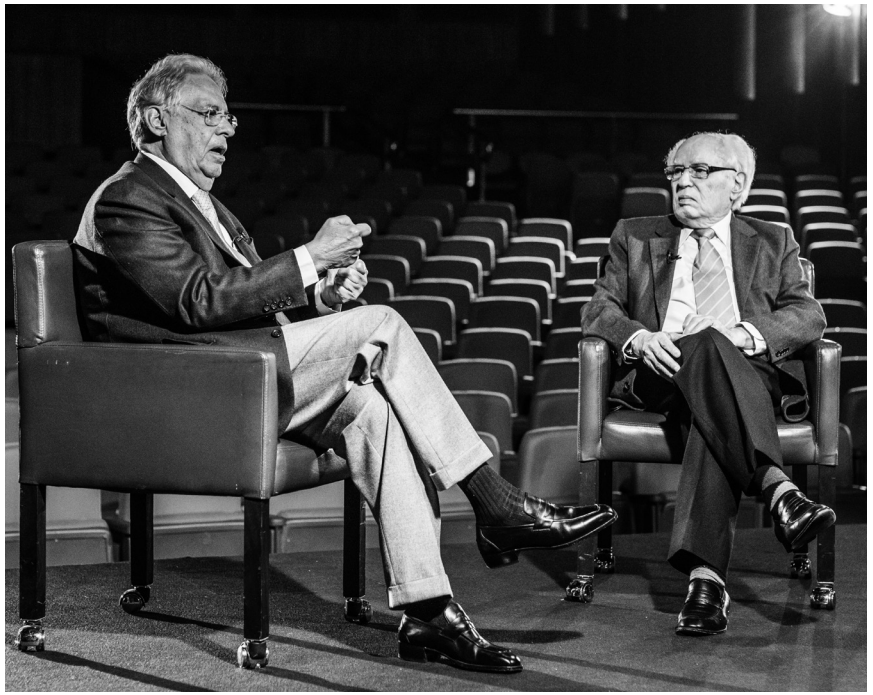
O momento que vivemos exige entrosamento tecnológico entre os países, e ao Brasil seria vital uma revisão nas metodologias de ensino e transmissão de conhecimento, uma vez que precisamos de capital humano preparado para acompanhar a vanguarda dos meios de produção, como lembram o físico e presidente do Conselho de Sustentabilidade da FecomercioSP, José Goldemberg, e o sociólogo e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Segundo eles, as novas tecnologias que estão se desenvolvendo darão os elementos para que os governos e a sociedade consigam se aprimorar. Cabe aos políticos, no entanto, ter mais capacidade de diálogo para dar encaminhamento aos avanços socioeconômicos já vistos em outras nações.

Em conversa realizada pelo canal **UM BRASIL**, os acadêmicos ponderam que as medidas para alavancar o crescimento da atividade econômica passam por ciclos. Ou seja, o que vale numa época não vale na outra – e, por essa razão, o País precisa expandir sua economia. Eles falam ainda sobre as transformações necessárias ao sistema nacional de ensino, que priorizou a abertura desenfreada de universidades em detrimento da valorização da educação básica. E opinam que a escola dos dias atuais requer menos quantidade de conteúdo e mais estímulo ao raciocínio. Ao falar sobre política, Fernando Henrique lembra que, embora tenha sido benéfico aos brasileiros, o Plano Real ficou incompleto em razão do posterior descontrole nas contas públicas. Leia a íntegra do bate-papo.

O BRASIL PASSA POR PROBLEMAS EM TODOS OS NÍVEIS DA EDUCAÇÃO. QUE DESAFIOS TEMOS, NA IMPRESSÃO DE VOCÊS?

JOSÉ GOLDEMBERG – Fui reitor da Universidade de São Paulo (USP) e ministro da Educação. No Brasil, tem sido dada uma importância anormal ao ensino superior em detrimento do ensino fundamental. Sobretudo nesses últimos 15 anos, o número de universidades federais cresceu de maneira extraordinária, o que fez com que elas perdessem a qualidade. Manter a qualidade de uma universidade é muito difícil em qualquer país do mundo. Enquanto isso, o ensino fundamental se ressente dos problemas que todos conhecem, prédios inadequados, professores que não são suficientemente prestigiados. E não é nem uma questão só de salário. Há um relatório recente do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostrando que o grande problema do ensino fundamental é que a profissão do professor perdeu aquela aura que tinha no passado. Essa é uma questão séria. Há esse exame, o Pisa [*sigla de Programme for International Student Assessment, programa internacional de avaliação de alunos*] da OCDE [*a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, organização que reúne as 36 maiores economias do mundo*], que mostra que escolas bem pagas em São Paulo têm índices muito elevados. Então, o Brasil sabe fazer escola boas, acontece que essa área foi desprestigiada nos últimos anos, e seria preciso inverter um pouco a equação.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO – Quando fui presidente da República, tentei deslocar o foco, o grosso dos recursos, para a escola fundamental. Fizemos uma emenda à Constituição para permitir que a União enviasse recursos para que Estados e municípios atendessem à demanda da escola básica, o que não foi muito bem recebido pelos meios acadêmicos. Por quê? A paixão passou a ser abrir universidades. Nós fomos professores da mesma universidade, a USP. Na verdade, não tenho a mesma experiência do Goldemberg porque fui posto para fora do Brasil em 1964, quando tinha 33 anos. Voltei, fiz concurso de cátedra, ganhei a cátedra na USP, fiquei um ano e, outra



vez, fui dispensado. Então, minha experiência direta em ensino no Brasil foi pequena. Ao redor do mundo, foi maior. Qual é a diferença? Na média, o aluno que entra na universidade ao redor do mundo tem uma boa formação. No Brasil, mais ou menos – pelas razões que Goldemberg mencionou. Eu acho que nós precisamos focar mais em dois tipos de educação: a básica, e o governo tem feito algum esforço acumulado nisso, e a profissional, que é um outro problema sério. Como teve um foco na educação primária, o pessoal passa e vai para o curso secundário, que passou a ser um problema. Então, nós focamos muito no universitário, e em faculdades que não têm condição realmente para dar ensino universitário.

GOLDEMBERG – Nesse último período presidencial, foram criadas cerca de 60, 70 universidades federais. É um absurdo. O máximo que se poderia fazer seria criar escolas técnicas federais.

FERNANDO HENRIQUE – Eu acho que isso foi um certo desvio. São universidades que não gastam em pesquisa, porque é mais barato. Então o aluno sai com um diploma. E, depois, faz o que com o diploma? Nada. Acho que é preciso voltar a priorizar o ensino fundamental, nos cursos profissionalizantes, treinar os professores e dar salários razoáveis. Eu fiz a Faculdade de Filosofia [*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP*], José também. Naquele tempo, ser professor do ensino oficial secundário era meritório, as pessoas saíam da universidade para dar aula no interior . Era uma carreira prestigiada, o salário não era uma maravilha, mas havia algum salário. Hoje, não. Caiu muito. As soluções técnicas são conhecidas. É preciso concentrar os recursos no fundamental. O aluno precisa saber as operações fundamentais, o seu idioma. A vida tem um certo progresso quase espontâneo, porque com as redes existentes hoje, que conectam todo mundo, o pessoal mais jovem aprende inglês sozinho, aprende muita coisa informalmente. O ensino vai ter de passar – e já está passando – por uma modificação importante. Em latim, havia a expressão *magister dicte*, que significa "o professor falou, está falado". Agora, não é mais assim. Tenho uma neta que acabou de se formar em Matemática no King's College, na Inglaterra. Quantas aulas tem? Não são muitas. Agora, a carga do que se faz em casa (e a discussão de problemas entre os alunos) é muito grande. Aqui, é o contrário. São muitas matérias. Em certa época da vida, dei aula de História em uma escola municipal em São Paulo. Ficava espantado, porque a História é a mesma que se repete o tempo todo, e o professor não sabe muito mais do que aquele "feijão com arroz", então fica uma chateação. Na História Universal, você nunca chega à História Contemporânea. Morre lá atrás, na Idade Média. O tempo todo é mais matéria, mais matéria. É preciso menos matéria e aprender a raciocinar. Com o mundo como está, haverá uma quantidade de profissões que nem conhecemos. São novas. Você tem de ter certa flexibilidade e boa formação.

O AVANÇO DA CIÊNCIA É ENORME, E NÓS TEMOS DE FAZER FORÇA PARA ACOMPANHÁ-LO, PORQUE A COMPETITIVIDADE VIRÁ DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

GOLDEMBERG – Prestigiar o ensino fundamental seria uma maneira de resolver problemas como o de cotas e outros. Porque a escola fundamental tem uma grande característica, ela não tem cotas, é democrática, entra todo mundo. E, à medida que se forma bem, há acesso às universidades. Essa questão de se reservar cotas nas universidades é um artificialismo. O problema que tem de ser resolvido é o da base.

FERNANDO HENRIQUE – A universidade se caracteriza pela formação e também pela criatividade. É preciso haver pesquisa. Fazer faculdade sem que o professor seja um produtor de cultura não funciona.

QUAL É A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA PARA DEIXAR O ESTADO MAIS EFICAZ E TORNAR A POPULAÇÃO MAIS CRÍTICA PARA ENCARAR UM MUNDO COM TANTAS TRANSFORMAÇÕES?

FERNANDO HENRIQUE – Nós somos 200 e pouco milhões de pessoas. O próprio Estado tem setores bons, competentes, ligados à alta administração, e não somente a ela. O problema é mais amplo. É a cultura que precisa ser mexida. O que se valoriza como conhecimento, como desempenho... Eu fiquei muito impressionado com uma pesquisa que li, que dizia que o rendimento relativo do Brasil, em termos de produção de patentes, é baixo. Por quê? Porque nós preferimos a grande teoria por vício de formação cultural. E, no mundo de hoje, é preciso ter uma visão teórica, e ao mesmo tempo prática, do que você faz com aquilo, como se transforma. Isso é importante para o Estado e para a sociedade em geral. Obviamente, se o nível educacional do País melhorar, não só o governo ganha – a economia, a sociedade, também. Você mencionou o Pisa. O Brasil está sempre mal avaliado no Pisa [*a performance média dos estudantes brasileiros esteve abaixo da média da OECD no Pisa 2015: 401 pontos em ciências, 407 em leitura e 377 em matemática*]. Se você melhorar o desempenho no Pisa, certamente o PIB vai melhorar também. Mas melhor que o PIB são as pessoas, que vão ser mais interessantes, vão viver com mais proveito, a sociedade vai ser mais criativa. O Brasil sabe quais são os seus problemas. A questão é como resolver.

GOLDEMBERG – Fernando, e quando se aplica a tecnologia no processo produtivo, é absolutamente essencial em um país de 200 milhões de pessoas você preparar aqueles que sejam capazes de absorver o que há de avanço tecnológico no mundo. Não se trata apenas de se produzir a tecnologia aqui dentro, mas de aprender o que os outros estão fazendo, e adaptar quando for necessário. Na área tecnológica, o que está acontecendo agora com países como Coreia do Sul e outros grandes campeões do desenvolvimento, é o que chamamos de "saltar à frente". Não se fica copiando a tecnologia do século passado. Você precisa criar pessoas suficientemente preparadas para entender as tecnologias de hoje e pensar o futuro. Por exemplo, o que se chama de "indústria 4.0", que é a indústria que usa computadores e robôs, coisas inteligentes, é a direção para onde se vai. Não tem sentido comprar equipamentos que sejam do século passado. Vamos logo para o futuro. Para isso, é preciso preparar gente.

FERNANDO HENRIQUE – A política nacional requer estratégia e persistência, senão não adianta. Faz hoje, esquece amanhã. É preciso olhar o longo prazo, saber o que vai acontecer e persistir num certo caminho, num rumo. Agora, há um problema nisso tudo que é político, na verdade. Como é que você consegue? Você só consegue quando motiva as pessoas. Educação também é isso. O que é uma boa escola? É aquela capaz de despertar o interesse no aluno. Todos nós nos lembramos quem foi o professor que nos conduziu – na universidade, em especial. Não é a quantidade de informações que te passam. A quantidade hoje está no computador. A questão é ter interesse, curiosidade por criar algo novo, em qualquer área. Eu fui *fellow* do Institute for Advanced Study, em Princeton, nos Estados Unidos. Lá há muitos físicos teóricos e um pouco de cientistas sociais e sociólogos para "enfeitar o bolo", mas, basicamente, o que se estuda ali é Matemática e Física teórica. Quem me levou foi Albert Hirschman, que era meu amigo e professor lá. Eu fiquei impressionado com a angústia que aquela gente vivia. Cada ano, eles recrutavam quem tinha feito um PhD, e ficavam dois, três anos, eles tinham que criar alguma coisa. Senão, iam ser professores de universidade [*risos*].

Nessas áreas de matemática pura, física pura, a criatividade se dá em certa época da vida. Depois, você fica mais sábio, portanto, mais comedido, não ousa o suficiente para criar. Fico pensando: na pintura é assim também, com as exceções dos gênios, como Picasso, que criou a vida inteira. O que é criar? É juntar o que o outro não juntou, tem de haver um certo frescor na sua imaginação. E o bom professor é aquele que incita a juntar peças que estão separadas, não é aquele que só passa números, dados e fatos. É a chama pela curiosidade.

QUAL É A OPINIÃO DOS SENHORES EM RELAÇÃO AO MOVIMENTO DENOMINADO "ESCOLA SEM PARTIDO", QUE É BASICAMENTE O ENSINO SEM DOGMAS, IDEOLOGIAS?

FERNANDO HENRIQUE – Todos nós temos algumas opiniões, sobretudo em ciências humanas. Agora, você não tem o direito de dogmatizar, de transformar a sua crença num cânone da ciência. Fui treinado dessa maneira na USP, alguns dos meus professores eram franceses ainda. Chamava-se isso de "objetividade", sobretudo nas ciências humanas. Pouco a pouco, a escola se tornou uma pregação. Por ter superioridade sobre o aluno, você não tem o direito de pregar, você deve mostrar os vários lados, mesmo que, evidentemente, você não consiga deixar de "escapar" o seu lado. Não se trata de uma escola anódina, mas de uma escola onde não se está pregando o tempo todo. No Brasil, sobretudo nas Ciências Sociais, nas humanas, houve uma espécie de contágio ideológico. As pessoas vão lá e te ensinam a mesma coisa. Houve uma enorme penetração dessa visão militante. É claro que todos nós temos um posicionamento sobre as coisas, se não tiver posição, você está morto, mas não tem que impor a sua visão ao aluno como se fosse ciência.

GOLDEMBERG – É evidente. Vocês, em Ciências Sociais, ensinavam as ideias de Marx, mas ensinavam também as ideias dos liberais, de todos, é obrigatório fazer isso. Agora, chegar lá e dizer "Não, só pode ser Marx, só pode ser Nietzsche...", não dá.

FERNANDO HENRIQUE – O fundamental é o seguinte: tive um professor chamado Roger Bastide, que era sociólogo. Ele dizia que tínhamos de aprender como os grandes autores indagam. Você aprende com qualquer grande autor, mas não pode tomar aquilo como aquilo que vale, mas tentar descobrir o que ele pensa, de direita, de esquerda, de centro, do que for. E não ficar impingindo uma linha só.

PRESIDENTE, MUDANDO DE ASSUNTO, NUMA ENTREVISTA RECENTE O SENHOR DISSE QUE "O PLANO REAL FICOU PELA METADE". O QUE AINDA PRECISA SER FEITO NO BRASIL EM RELAÇÃO À ESTABILIDADE ECONÔMICA E AO CRESCIMENTO EM TODAS AS ÁREAS, INCLUSIVE A DA EDUCAÇÃO?

FERNANDO HENRIQUE – Antes de tudo, não sou economista, mas trabalhei com muita gente. A primeira coisa para resolver o problema é reunir pessoas que entendam do assunto. Foi o que tentei fazer. Depois, você tem de fazer com que a sociedade entenda que aquele é o caminho certo. Você tem de falar, motivar as pessoas. Na época do Plano Real, a inflação era galopante, parecia que era uma mágica. Inventamos a URV, a unidade real de valor, que dava uma referência estável. Como passamos isso para o povo? Por intermédio da mídia, do Congresso, ia lá, explicava. Controlar a inflação só funciona se você colocar as finanças do país em ordem. E elas estavam em grande desordem. Então, era preciso reformar instituições. Neste momento, as finanças públicas estão em péssima situação. A Previdência, por exemplo, que tentei resolver colocando uma idade mínima e perdemos a votação por um voto na Câmara, precisando de três quintos dos votos. Se você se aposenta muito jovem, a sociedade paga, e, hoje, nós estamos vivendo mais, é um fator óbvio. Então, o Plano Real ficou pela metade, porque várias mudanças não ocorreram de forma persistente. Nós estamos numa situação semelhante. O governo [*que assumir em 2019*] terá de enfrentar essas questões para ter estabilidade de mais longo prazo. O Plano Real foi positivo porque controlou uma hiperinflação, sem fazer artifícios de controlar ou congelar preços. Mas nós não conseguimos controlar completamente as finanças públicas. Fizemos uma campanha tremenda para acabar com a dívida dos Estados e municípios, o pessoal atacava, era contra. Isso é sempre assim, é um processo.

ENTÃO, ALÉM DAS REFORMAS, HÁ A NECESSIDADE DE CONVENCER A POPULAÇÃO DOS SACRIFÍCIOS QUE AS REFORMAS TRARÃO...

GOLDEMBERG – Lembro-me de uma entrevista em que te perguntaram por que conseguiu e outros não conseguiram [*a estabilidade econômica*], e você disse que o que conseguimos foi explicar direito, que é o que nós fazemos como professores. Fernando teve a paciência de explicar à sociedade. Esses grandes movimentos que têm ocorrido na sociedade desde 1970 têm muito a ver com sustentabilidade, ou seja, fazer alguma coisa que dure.

FERNANDO HENRIQUE – No caso do Plano Real, quem tinha de convencer era o presidente da República, primeiro. No caso, era Itamar Franco. Ele não era economista. Quem conseguiu [*explicar o que fazer*] mesmo, não fui eu, foi Edmar Bacha. Depois, quando nós estávamos pregando o que estávamos fazendo, fui ao *Programa Silvio Santos*, no SBT. Encontrei-o no camarim, ele perguntava, eu explicava, ele dizia: "Pode repetir?". Então, ele disse: "Vamos entrar juntos". Disse também: "Não se esqueça que a minha audiência tem idade mental média de 12 anos". Eu entrei junto com ele. Ele deu uma aula, foi muito melhor ao falar para um certo tipo de público do que eu seria capaz. No fundo, é isso. Você tem de convencer o outro, tem que fazer um certo esforço para dar certo. Você não "faz a frio". Pode fazer a frio uma experiência de laboratório. Por falar em laboratório, Goldemberg era assistente de Marcelo Dami de Sousa Santos, e eu era de Florestan Fernandes e representante dos professores assistentes na congregação. Havia uma briga danada com nosso amigo físico Mario Schenberg, que deu uma entrevista dizendo que eles iriam explodir o bétatron. A congregação ficou a favor dele. E o bétatron está lá até hoje. Então, mesmo em física, para fazer as coisas funcionarem, você tem que convencer os outros. Você tem de explicar, vencer resistências, convencer.

PRESTIGIAR O ENSINO FUNDAMENTAL SERIA UMA MANEIRA DE RESOLVER PROBLEMAS COMO O DE COTAS E OUTROS. PORQUE A ESCOLA FUNDAMENTAL TEM UMA GRANDE CARACTERÍSTICA, ELA NÃO TEM COTAS, É DEMOCRÁTICA, ENTRA TODO MUNDO.

JOSÉ GOLDEMBERG

QUAL SERIA O MODELO DE DESENVOLVIMENTO ADEQUADO A UMA POTÊNCIA MÉDIA COMO O BRASIL?

GOLDEMBERG – A minha visão é mais estreita do que a de Fernando. Eu olho pelo lado da tecnologia. No século 19, muita gente já olhava pelo lado da tecnologia, até Marx. A tecnologia tem se desenvolvido em áreas em que ela acaba resolvendo problemas. Malthus, um padre do século 18, achou que a produção de alimentos não aumentava tão depressa quanto a população, e que aconteceria uma desgraça no mundo, o que, na época, era verdade. Esse problema está completamente resolvido. Hoje, existem mais alimentos do que as pessoas consomem. O fato de existir fome em países da África, por exemplo, é um problema de natureza política, e não porque falte comida. A visão que tenho é que, com as tecnologias que estão se desenvolvendo, daremos os elementos para que os governos consigam se estruturar. Agora, há coisas que a tecnologia não pode fazer. E aí entra na área em que Fernando não só tem ideias, como fez. É preciso abrir a economia brasileira para que ela possa competir, porque, com tecnologias velhas com tecnologias velhas, a produtividade é baixa. Isso depende de medidas tomadas pelo governo. Nessa área, o governo é essencial. É preciso discutir muito se o governo precisa ter empresas estatais ou não. Isso é discutível. Mas para inserir políticas globais, precisa-se do governo.

FERNANDO HENRIQUE – Concordo. Historicamente, no Brasil, em uma certa altura, passou-se a entender que, para ter crescimento econômico, era preciso fechar a economia e substituir a importação. Em certos momentos, pode ter sido assim. O momento que vivemos é outro, as economias estão entrosadas por causa da tecnologia. Na economia mais globalizada, você pode maximizar os fatores de produção. Onde tem mão de obra barata? Eu vou para lá. Onde tem minerais ou tecnologia sofisticada? Eu vou para lá. Não importa onde esteja a sede da empresa, e, por consequência, você compete num mercado global. A chave não é saber se é do Estado ou é privado, mas se é monopólio público ou privado. Monopólio não compete. Então, tem de ter competição. Alguns acharam que isso era neoliberalismo, porque a teo-

ria liberal, anterior à teoria de crescimento baseada na substituição das importações de que falei, achava que você tinha que ser mais aberto. Nos anos de 1950, 1960, 1970, quando a Coreia e os países asiáticos começaram a disparar, aqui se dizia: "Mas eles são plataformas de exportação, nós temos de olhar para o mercado interno". Hoje, a diferença entre interno e externo diminuiu muito. Collor disse uma vez que "nós estamos produzindo carroças, e não carros". Foi muito criticado, mas era verdade. Como a economia era fechada, a tecnologia se adaptou a esse mercado. Era preciso uma tecnologia global. Hoje, a qualidade é a mesma para dentro e para fora, exportamos carros. Isso quer dizer que não há interesse nacional? Não, só que ele se coloca de outra maneira. Você não pode fazer uma abertura que arrebente um determinado setor econômico, deve ir devagar, controlar as forças. No passado, falava-se em crescimento, em aumentar o PIB, a produção global do País. Hoje, fala-se mais em desenvolvimento. Havia teorias que diziam que você tinha de crescer por focos. Eliezer Batista, pai de Eike, tinha uma visão grande e influenciou bastante nesse aspecto. Ele dizia que nós tínhamos de fazer "eixos de crescimento", e esse eixo não se encerra em um só país. Então, essa discussão de crescimento é histórica, o que vale numa época não vale na outra.

COMO DESFRUTAR DO AVANÇO TECNOLÓGICO SEM DETERIORAR A SUSTENTABILIDADE GLOBAL DOS EMPREGOS?

GOLDEMBERG – Vou dar um exemplo prático. Há 20 anos, no Estado de São Paulo, a cana-de-açúcar era cortada manualmente, com facão. Havia queimadas, era uma situação muito ruim para os trabalhadores. Nós introduzimos – eu estava no Governo do Estado – a colheita mecanizada. Eu tive de ir ao sindicato dos operários para explicar. Eles diziam que iam perder o emprego. Falei: "Vocês vivem dizendo que o emprego de vocês é horroroso, nós estamos dando uma opção melhor", que era a de guiar a máquina. Então, diziam que haveria menos empregos. Na prática, estão todos empregados, porque a própria expansão da produção acabou absorvendo a mão de obra. Mas eu passei apertado, imagino o que você passou como presidente para explicar questões às pessoas.

FERNANDO HENRIQUE – Custa entender o progresso, a transformação, o olhar para frente, a sustentabilidade também. Diziam que a posição do Brasil era "bendita poluição". Eu era membro do Centro de Desenvolvimento Alternativo, na Suíça, que dizia que não era preciso poluir para crescer. Hoje, já se sabe disso. O mesmo ocorre com o progresso técnico, que virá, e quem não entrar nele vai ficar para trás. Mas é claro que há transição. O próprio Marx achava que, no futuro, você poderia ser ao mesmo tempo pescador, poeta, trabalhador, porque haveria tempo para isso. Um pouco sonhador, não é? Hoje, nós sabemos que o tempo é um grande problema. Você tem de dar atividade, cultura, educar, tem que dar bolsa na transição [*social*]. Não basta dar dinheiro, tem que dar preparo para a pessoa se adaptar à nova situação. A ideia de Marx era um pouco poética. A pessoa ficará na pobreza se não houver programas de treinamento. É inevitável, o mundo cresce pelas forças de competição.

GOLDEMBERG – É o que está acontecendo agora com a informática, com a automação. Estudos dizem que serão perdidos milhões de empregos, outros dizem que serão criados outros. Não se tem resposta ainda.

FERNANDO HENRIQUE – O mundo vive criando e resolvendo problemas.

O SENHOR CONTINUA UM DEFENSOR DE QUE O PROJETO ENERGÉTICO DO BRASIL DEVE PRESCINDIR DE USINAS NUCLEARES?

GOLDEMBERG – A energia nuclear tem seus problemas, porque não produz certos tipos de poluição, como particulados ou gases que provocam aquecimento global, mas provoca outros. É uma tecnologia que precisa ser tratada com cuidado, porque os acidentes podem ser de grande vulto. Reatores nucleares têm essa característica perversa. Tem países que encontraram dificuldades em buscar alternativas.

A FRANÇA PODE SER UM EXEMPLO?

GOLDEMBERG – A França nuclearizou, 70% da eletricidade utilizada lá vêm de reatores nucleares. Então, a energia nuclear oferece uma opção até que se encontre uma melhor. Em outros países, ela faz muito menos sentido, e o Brasil é um deles, porque tem hidrelétrica. O Rio Grande do Norte é o maior produtor de energia eólica porque os ventos são fortes e regulares. Por azar, com energia nuclear é possível se produzir armas nucleares, mas aí é uma outra questão, de guerra, de política.

FERNANDO HENRIQUE – Não há uma solução única.

GOLDEMBERG – Nós sempre defendemos que é preciso acompanhar as tecnologias.

NO SEU GOVERNO, O BRASIL ASSINOU O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES...

FERNANDO HENRIQUE – Com muitas críticas. É bom ter recursos, capacidade de produzir. Pegue como exemplo a nossa agricultura, que é altamente competitiva. Por trás dela teve o quê? Ciência e tecnologia. O café se desenvolveu em São Paulo porque havia o Instituto Agronômico de Campinas. O cerrado, hoje, que é o celeiro do Brasil, na nossa época era terra inútil porque não tinha os componentes necessários para produção. Hoje há uma tecnologia que aumentou a produtividade. E tudo é assim. No caso atômico, é preciso muito cuidado. Tem de balancear.

GOLDEMBERG – O fato de ela poder provocar acidentes exige cuidado, aí ela fica mais cara. Então, cada país deve procurar o seu modelo, e nós temos essa possibilidade de energia hidroelétrica ou com o vento.

FERNANDO HENRIQUE – O avanço da ciência é enorme, e nós temos de fazer força para acompanhá-lo, porque a competitividade virá do desenvolvimento tecnológico. Vai criar problemas sociais? Vai. Mas eu não sou catastrofista. Existe solução. A sociedade vai acumulando experiência, acomodando-se, e os governos têm de atuar. Os governos e a sociedade.

PARA FINALIZAR, QUAL É A IMPRESSÃO DOS SENHORES EM RELAÇÃO ÀS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E O LEGADO PARA A POLÍTICA?

FERNANDO HENRIQUE – Em relação à polarização política no País, acho lamentável. A democracia exige temperança, a capacidade de ouvir o outro, de haver diversidade. Infelizmente, estamos numa situação de muita agressividade. Não é o meu estilo. A democracia requer o direito do outro de expor sua opinião. Se o País vai a pique, todos nós vamos a pique. Deve haver um sentimento coletivo. É muito ruim e negativo para a democracia quando essa encrespação passa a ser quase pessoal.

GOLDEMBERG – Fernando foi presidente da República duas vezes, a minha experiência é mais limitada. Fui reitor da USP, que tem 5 mil professores, e cada um deles acha que é o centro do universo. Alguns deles, efetivamente, merecem ser. É essencial haver o jogo democrático, sem a perda da firmeza. As pessoas confundem a ideia de que democracia acaba ficando uma bagunça, de que precisa chamar os militares para colocar em ordem etc. Isso é completamente incorreto. Na democracia, você debate, resolve e faz. É curioso, porque o tempo passa e as pessoas que protestavam na hora, agora, elogiam. O que precisa se dissipar é a ideia de que a democracia não é capaz de encaminhar a solução.

FERNANDO HENRIQUE – Fraco é não ter autoridade. Autoridade não é autoritarismo. É respeito. É preocupante uma coisa, veja os diálogos na imprensa. A postura dos jornalistas é de destruir. O clima que se criou foi esse: "Está no poder, destrói, não respeita". Não pode ser assim. Se você não tem respeito, como vai impor a ordem? Só pela força? Não dá certo. Dá certo para quem está mandando, mas para quem está obedecendo, não. Então, é preciso recriar esse clima de diálogo, para impor respeito e tomar decisão. Havendo autoridade, respeita-se a decisão.

WWW.UMBRASIL.COM